



www.enaphem.com



---

## Docência Superior em Matemática: um privilégio masculino?

---

### Higher teaching in Mathematics: a male privilege?

*Dione Alves de Almeida*<sup>1</sup>

*Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida*<sup>2</sup>

#### Resumo

Este trabalho apresenta uma pesquisa de Mestrado, ainda em desenvolvimento, em que propomos investigar a inserção, presença, formação e vivências de mulheres docentes em cursos superiores de Matemática, em duas universidades norte mineiras: Universidade Estadual de Montes Claros e Instituto Federal do Norte de Minas Gerais; entre os anos de 1990 a 2010. Além da matriz dialética, sua metodologia ancora-se nos princípios da História Oral utilizando as entrevistas semiestruturadas como principal instrumento de coleta de dados, por meio das quais buscar-se-á apreender dessas professoras, suas memórias, fazeres e saberes. Posteriormente, essas narrativas serão analisadas por meio das teorias de Gênero, bem como com aquelas que as interseccionam à Educação Matemática. Em linhas gerais, este estudo visa dar visibilidade às mulheres professoras – sua formação e atuação – além de contribuir para os estudos de gênero que focam a Matemática como campo de análise.

**Palavras-chave:** Matemática; História Oral; Docência; Ensino Superior; Mulheres.

#### Noções introdutórias

A literatura científica que busca problematizar as relações de gênero no campo da Matemática, demonstra que, por muito tempo, a inserção das mulheres nesse espaço foi dificultada, ou mesmo impedida, devido ao *habitus* sociocultural vigente, o qual as destinavam, exclusivamente, às funções de meras reprodutoras, da maternidade e do cuidado doméstico. Proibidas do conhecimento, o saber foi considerado contrário à feminilidade (Perrot, 2016) e, pelo fato de ser sagrado “é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra” (Perrot, 2016, p. 91).

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Brasil. E-mail: [dioneaalmeida@gmail.com](mailto:dioneaalmeida@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE e do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Brasil. E-mail: [shirley.almeida@unimontes.br](mailto:shirley.almeida@unimontes.br).

Contudo, quando as mulheres – brancas, burguesas e católicas –, mediante muita luta, conquistaram o acesso ao conhecimento, os princípios a elas destinados baseavam-se, sobretudo, nos trabalhos manuais, como, por exemplo, a pintura, culinária, corte e costura, visto que, uma mulher culta não era considerada uma mulher, como bem coloca Perrot (2016). Neste sentido, ainda segundo a historiadora, enquanto aos homens destinavam a racionalidade e as produções de gênios; às mulheres, à subjetividade e os sentimentos do coração. À vista disto, infere-se o porquê poucas foram as mulheres que adentraram e ganharam notoriedade no campo da Matemática, a saber: Hipátia de Alexandria, Sophie Germain e outras.

Não obstante, embora, hodiernamente, o cenário social esteja em constantes modificações e as mulheres sendo maioria tanto na graduação quanto na pós-graduação (Cavalari, 2007), elas ainda são minoria quando se pensa exclusivamente na Matemática (Capes, 2017), e, principalmente, na docência do Ensino Superior. Uma possível justificativa para essa disparidade ancora-se no fato de que, por muito tempo – e ainda hoje, de certo modo –, a Matemática foi vista como uma área de estudos eminentemente masculina. Acredita-se, ainda, que essa discrepância passa por um recrudescimento no Norte de Minas Gerais, por ser uma região sertaneja e, portanto, marcada pela forte cultura patriarcal.

Em virtude do que está posto, objetivamos com esta pesquisa, *investigar a inserção, presença, e vivências de mulheres que exercem a docência de Matemática no Ensino Superior norte-mineiro*, enfatizando os desafios enfrentados por elas tanto para o ingresso quanto para a permanência de seu trabalho na universidade.

## **As relações de gênero e a docência superior em Matemática: por que pesquisar?**

Perrot (2016, p. 93), ao pesquisar uma história pouco, ou quase nada, contada: das mulheres; ressalta que ao longo do século XIX ainda era recorrente o pensamento errôneo de que a instrução feminina era “contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem”. Hodiernamente, nota-se em alguns estudos (Cavalari, 2007 & Silva, 2017) perspectivas que excluem e subjagam as mulheres, de modo que elas enfrentam desafios para conquistar seu espaço – mesmo já “inseridas” –, sobretudo no campo da Educação Matemática.

Neste ensejo, poder-se-á proporcionar uma discussão e posterior reflexão acerca de, não somente a inserção de mulheres enquanto docentes na esfera superior em Matemática, mas, também, sobre os entraves para sua permanência como, por exemplo, os discursos sexistas e violências simbólicas por elas sofridas. Além disso, nosso trabalho poderá contribuir para os estudos de gênero e Educação Matemática os quais tentam desconstruir o *habitus* masculino (Bourdieu, 2002) como o ideal de que a Matemática seja um campo somente para homens.

Temos o intuito, também, de que nosso estudo se constitua num forte contributo teórico para os estudos educacionais no norte de Minas, uma vez que é uma região que carece de tais pesquisas: Gênero na Educação Matemática, além de dar destaque e visibilidade às docentes atuantes nos cursos integrados às universidades pesquisadas, incentivando mais mulheres a adentrar nessa área, bem como, ensejar a discussão sobre a construção de políticas educacionais que

incentivem e viabilizem o ingresso e formação das mulheres neste contingente.

Além disso, acreditamos que nosso estudo se insere, com propriedade, no campo da História da Educação, e que o envolvimento do objeto específico da formação de professores de Matemática nos conduz a considerar, ainda sua pertinência a um âmbito mais específico, o da História da Educação Matemática, tomando como referência as características do surgimento e desenvolvimento da mesma. Nessa direção, Miguel e Miorim (2001) analisam elementos que ensejam a compreensão das circunstâncias históricas que concorreram para que a História da Matemática, a Educação Matemática e o estudo das relações entre História e Educação Matemática (inicialmente indissociados no campo da Matemática) conquistassem sua autonomia como três campos de investigação.

Sobre isso, Castro e Almeida (2015) assevera que os autores apresentam como indicadores da autonomia de cada um desses campos: o surgimento dos primeiros textos específicos sobre questões relativas ao campo considerado; a existência de discussões coletivas sobre questões referentes ao novo campo de conhecimento e investigação, que se refletem ou não no surgimento de publicações para a difusão, penetração e preocupação coletiva com relação a essas questões; o aparecimento de sociedades, comunidades científicas e cursos específicos voltados para o desenvolvimento de investigações e delimitação do novo campo do conhecimento.

Por fim, do objetivo geral, como já postulado anteriormente, desdobram-se três específicos: (a) discutir a construção sociocultural da Matemática como um campo eminentemente masculino; (b) apresentar considerações sobre a formação do professor de Matemática, especialmente das mulheres e (c) explicitar os desafios vivenciados pelas mulheres em sua formação e, principalmente, na atuação como docentes nos cursos superiores de Matemática.

## **Teorizando a relação**

Conforme lemos na literatura, a Matemática era vista como um campo masculino, desde o seu surgimento na Grécia, nos séculos V e VI a.C. Nas sociedades clássicas, a divisão dos papéis sociais era muito bem demarcada, de maneira que a tarefa atribuída à mulher era única e exclusivamente o cuidado da casa. Nos tratados antigos de Medicina, pode-se notar que a mulher era excluída da educação por justificações biológicas e sociológicas segundo as quais o contato com os estudos poderia fazer com a que as mesmas perdessem uma de suas funções “naturais”: a reprodução (Louro, 1994).

Com o desenvolvimento das sociedades, os papéis sociais de homens e mulheres são moldados tanto no espaço público quanto no espaço privado, de modo que o papel da mulher, que até então estava relegada apenas ao ambiente doméstico, estende-se também à sociedade em geral, porém preservando-se suas “características”. Nesse sentido, as mulheres passam a desempenhar seus princípios de sensibilidade, sentimentalismo e cuidado no espaço público (Perrot, 2016), de modo especial no magistério.

A Proclamação da República foi um período de efervescência no Brasil no que tange à Matemática, mormente com relação à questão feminina, pois é quando a presença de mulheres nas salas de aula, tanto enquanto discentes quanto como docentes, começa a ser notória. Isso posto, com a crescente oferta do ensino, os

homens começaram a abandonar a docência, tendo seus espaços ocupados por mulheres, as quais, por estarem ingressando na vida pública e “deixando” a doméstica, aceitavam baixas remunerações e condições precárias de trabalho (Vianna, 2001).

Contudo, essas considerações nos fazem pensar na forma como as mulheres ingressaram no mercado de trabalho educacional, com ampla participação nos anos iniciais. Convergente a Cavalari (2007), infere-se que esta entrada, embora positiva, reforçou a ideia de que, à medida que o *status* de uma atividade laboral vai aumentando, menor vai se tornando a presença feminina. No caso da Educação Superior em Matemática, essa situação vai ser acirrada devido à construção sociocultural que hierarquizou tal espaço, alocando o homem na posição sumária e privilegiada.

Tal situação nos dá indícios do porquê, na atualidade, o número de mulheres professoras ainda é menor com relação aos homens no Ensino Superior em Matemática, uma vez que, mesmo “inseridas” neste campo, sofrem constantes violências simbólicas causadas pelo *habitus* masculino que constituiu este campo do saber; como salienta Bourdieu (2002).

## **Percurso Metodológico**

Para analisar a inserção, a presença e a vivência de mulheres como docentes em cursos superiores de Matemática no Norte de Minas, realizar-se-á entrevistas semiestruturadas com foco nas narrativas orais. É partindo dessas narrativas e em diálogo com as teorias sobre gênero e Educação Matemática, que será feita a análise dos dados que comporão este estudo.

Deste modo, serão analisadas as memórias de professoras de duas universidades públicas em três *campi*: a Universidade Estadual de Montes Claros, *Campus* Montes Claros (Unimontes), e o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *Campi* Salinas e Januária. Serão entrevistadas 05 professoras com formação inicial em Matemática que lecionam nos cursos superiores Matemática; dentre elas, 02 estão lotadas na Unimontes, 01 no IFNMG/Salinas e 02 no IFNMG/Januária.

Com o intuito de que as narrativas sejam obtidas e cumpram os objetivos aventados, lançar-se-á mão da metodologia da História Oral (HO), pois segundo Meihy (2005), pretende-se, detalhadamente, compreender o cotidiano (passado e presente) dessas mulheres enquanto um grupo, seus mitos, visões de mundo de modo que fique à luz suas histórias, práticas sociais e como essas duas relações se dão. Nessa perspectiva, ao fazer uso desta metodologia será possível aproximar e entender a realidade de mulheres matemáticas, levando em consideração a cultura que tornou/torna possível suas experiências; além de dar voz e contar suas histórias antes não contada.

Por fim, com relação à entrevista subsidiada pela HO, ela será do tipo semiestruturada, pelo fato de, como salientam Barros e Leheld (2000, p. 58), estabelecerem um diálogo “amigável com o entrevistado, buscando levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa”. Ainda assim, acredita-se que além das perguntas pré-elaboradas, outras surgirão, tendo em vista que deseja-se obter das docentes narrativas espontâneas, que explicitem, de fato, sua vivência como

docentes de Matemática.

## Possíveis conclusões

Espera-se, com esta pesquisa, conseguir alcançar mulheres que atuam no Ensino Superior em cursos de Matemática no Norte de Minas e trazer à luz suas histórias de vida no que tange à sua formação, inserção, vivência e desafios enfrentados na área. Neste sentido, discutir sobre a construção sociocultural da Matemática como um campo de predominância masculina, pode refletir, diretamente, na formação das professoras que ensinam matemática, o que pode criar certos desafios que implicam na atuação do Ensino Superior em Matemática.

Deste modo, com o intuito de fomentar a discussão do motivo pelo qual, na área em tela, especialmente no Ensino Superior, há poucas mulheres, mostrando que há uma forte relação de gênero sobre a qual se ancoram as relações profissionais e de poder. Ainda assim, o *habitus* masculino em que a Ciência Matemática foi desenvolvida, corrobora não só a dificuldade de inserção das mulheres nesse campo, mas sua permanência, por meio de práticas e discursos sexistas a elas direcionados.

## Referências

- Barros, A. P. & Lehfeld, N. A. S. (2000). *Fundamentos de Metodologia: um guia para a iniciação científica*. São Paulo: Makron Books.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*; tradução Maria Helena Kuner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRASIL. CAPES – (2017) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Mulheres são maioria na pós-graduação brasileira*.
- Castro e Almeida, S. P. N. de. (2015). *Um lugar, muitas histórias: o processo de formação de professores de Matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/norte de Minas Gerais (1960-1990)*. Tese de Doutorado em Educação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Cavalari, M. F. (2007). *A Matemática é feminina? Um estudo histórico da presença da mulher em institutos de pesquisa em Matemática do estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista. Retirado em 19 de agosto, 2020, de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91099>.
- Louro, G. L. (1994). Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. *Proj. História*, (11), p. 31 – 46.
- Meihy, J. C. S. B. (2005). *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola.
- Miguel, Antonio & Miorim, Maria Ângela. A constituição de três campos afins de investigação: História da Matemática, Educação Matemática e História & Educação Matemática. *Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 4, n. 8, p. 35-62, 2001.
- Perrot, M. (2016). *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto.

Vianna, C. P. (2001). O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*, (17/18), n. 02, p. 81-103.